

“A XÍCARA TINHA QUE SER MARCADO”: O POSICIONAMENTO DISCURSIVO EM UMA NARRATIVA DE UMA MULHER COM DOENÇA DE ALZHEIMER

“LA TAZA TENÍA QUE SER MARCADO”: EL POSICIONAMIENTO DISCURSIVO EN UNA
NARRATIVA DE UNA MUJER CON ENFERMEDAD DE ALZHEIMER

THE CUP HAD TO BE MARKED": DISCURSIVE POSITIONING IN A NARRATIVE BY A WOMAN
WITH ALZHEIMER'S DISEASE

Caio Mira*

Universidade Estadual de Campinas

Ana Isabel Eltz Dornelles**

Universidade do Vale do Rio do Sinos

RESUMO: A Doença de Alzheimer (doravante DA) é uma patologia neurodegenerativa cujos prognósticos alarmantes, somados à não identificação de uma cura, têm ganhado destaque, especialmente no cenário atual de envelhecimento da população (Mc Made; Bateman, 2017). Estudos em diferentes áreas são conduzidos para investigar a patologia, entretanto, por vezes, acabam construindo um estereótipo limitante das pessoas acometidas por enfatizarem os déficits causados pela doença (Souza; Monteiro; Gonçalves, 2022). No intuito de compreender a produção linguística no contexto da Doença de Alzheimer, este artigo analisa o posicionamento discursivo em uma narrativa de uma mulher que vive em uma casa de assistência ao idoso. A partir da entrevista narrativa, considerada evento discursivo em que o sentido é coconstruído entre os interlocutores (Mishler, 1986), o presente trabalho fundamenta-se no quadro teórico-analítico das dimensões da narrativa de Ochs e Capps (2001) e dos níveis de posicionamento de Bamberg (1997). Os resultados evidenciam que, apesar das dificuldades causadas pela DA, a participante consegue se posicionar diante de discursos recorrentes na sociedade brasileira a respeito do trabalho na profissão de empregada doméstica.

PALAVRAS-CHAVE: Doença de Alzheimer. Narrativas. Mulheres. Interação.

* Doutor em Linguística. Docente do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas. E-mail: caiomira@unicamp.br.

** Licenciada em Letras. Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: ana.iedornelles@gmail.com.

RESUMEN: La Enfermedad de Alzheimer (en adelante DA) es una patología neurodegenerativa cuyos pronósticos alarmantes, juntos a la no identificación de una cura, tiene ganado énfasis, especialmente en el escenario actual del envejecimiento de la población (Mc Made; Bateman, 2017). Estudios en distintas áreas son conducidos para investigar la patología. Aunque, por veces, acaban construyendo un estereotipo limitativo de las personas acometidas por enfatizaren los déficits causados por la enfermedad (Souza; Monteiro; Gonçalves, 2022). Con el intuito de comprender la producción lingüística en el contexto de la Enfermedad de Alzheimer, este artículo analiza el posicionamiento discursivo en una narrativa de una mujer que vive en una casa de asistencia al anciano. A partir de la entrevista narrativa, considerada eventos discursivos en que el sentido es coconstruido entre los interlocutores (Mishler, 1986), el presente trabajo se basa en el cuadro teórico-analítico de las dimensiones de la narrativa de Ochs y Capps (2001) y de los niveles de posicionamiento de Bamberg (1997). Los resultados evidencian que, a pesar de las dificultades causadas por la DA, la participante fue capaz de posicionarse delante de los discursos recurrentes en la sociedad brasileña a respeto del trabajo en la profesión de empleada doméstica.

PALABRAS-CLAVE: Enfermedad de Alzheimer. Narrativas. Mujeres. Interacción.

ABSTRACT: The Alzheimer's Disease (henceforth AD) is a neurodegenerative pathology whose alarming prognostics, added to the non-identification of a cure, has been gained prominence, especially in the current scenario of population-aging (Mc Made; Bateman, 2017). Studies in different areas are conducted to investigate the pathology. However, sometimes, they end up constructing a limited stereotype of the affected people because they emphasize the deficits caused by the disease (Souza; Monteiro; Gonçalves, 2022). In order to value what happens in the interactions, besides the difficulties, this article aims to investigate oral narratives that emerge from this interactional context. For this, qualitative interviews, comprehended as discursive events during which the meaning is co-constructed between the interlocutors, were conducted (Mishler, 1986). The dimensions of narrative from Ochs and Capps (2001) and the levels of positioning from Bamberg (1997) constitute the theoretical methodological framework employed to investigate the moral positionings's construction in the narrative. The results have shown that, besides the difficulties caused by AD, the participant was able to position herself in relation to recurrent discourses in Brazilian society about working and segregation in the housekeeper's profession.

KEYWORDS: Alzheimer's Disease. Narrative. Women. Interaction.

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população mundial é um fenômeno real que demanda planejamento de políticas públicas de saúde, de sustentabilidade financeira dos sistemas previdenciários e, sobretudo, a criação de condições que promovam a funcionalidade, a autonomia e o cuidado aos idosos. Considerando a complexidade desse quadro, na realidade brasileira, existem dados que mostram o visível aumento da população idosa no país. De acordo com Santos *et al.* (2020), há previsões que indicam que 23,8% da população brasileira em 2040 será de pessoas com mais de 60 anos. Diante do aumento da curva de envelhecimento da população brasileira, há a maior incidência das chamadas patologias demenciais nos idosos, dentre as quais destaca-se a Doença de Alzheimer (doravante DA) abrangendo cerca de 60% a 70% dos casos (Santos *et al.*, 2020). Como ainda não foram identificadas causa ou cura, os prognósticos são alarmantes (Alzheimer's Association Report, 2018). Mc Made e Bateman (2017) estimam que 2 em cada 3 pessoas com mais de 85 anos serão diagnosticadas com a patologia até 2030.

A DA é uma patologia comumente reconhecida pelas perdas cognitivas ocasionadas que resultam em lapsos de memória, prejuízos nas tarefas diárias e dificuldade em interagir por meio da linguagem. As perdas deflagradas pela DA não afetam isoladamente as funções cognitivas, mas, sobretudo, a organização simbólica das práticas cotidianas (Morato, 2012; Mira; Custodio, 2022). Segundo Barros *et al.* (2009, p. 17), a DA consiste em “[...] uma patologia neurodegenerativa progressiva e irreversível, de aparecimento insidioso, que acarreta perda da memória e diversos distúrbios cognitivos”. Dentre esses distúrbios, os autores citam o declínio da memória, do raciocínio, da compreensão, da aprendizagem e da linguagem, com questões semânticas e auditivas.

Os processos cognitivos, mnêmicos, linguísticos, práticos e gnósicos são progressiva e sensivelmente afetados. Apesar de sua etiologia não ser completamente conhecida e de ser uma doença de causa multifatorial, a DA é caracterizada do ponto de vista neurológico pela hipersecreção de uma proteína chamada *Beta-Amilóide* por neurônios afetados. Essa proteína age como um fator

biológico que desencadeia o surgimento de vacúolos de tamanhos maiores, que, ao se juntarem, causam a morte dos neurônios que estão ao seu redor (Teixeira *et al.*, 2015).

Os déficits na linguagem podem ser percebidos na atividade de nomeação, repetições, circunlóquios, uso expressivo de déicticos e de estruturas sintáticas consideradas “simples”. Geralmente, a produção da linguagem não apresenta problemas no nível da articulação, sem percepção de alterações da linguagem no nível articulatório, ainda que as pausas e as hesitações sejam consideradas recorrentes (Morato, 2012). Durante o avanço da doença, há o comprometimento do processamento semântico e sintático e a tendência a parafasias semânticas e lexicais¹ (Huff *et al.*, 1988). No que diz respeito ao processamento sintático, ocorre o aumento da dificuldade de compreender orações simples e complexas. Observa-se também uma crescente tendência à produção de parafasias fonológicas, além de um maior comprometimento da escrita. O estágio mais avançado da DA é caracterizado pela dissolução quase completa da competência linguística e comunicativa, tanto em termos de produção quanto também de compreensão da linguagem (Morato, 2012). Hydén (2014) complementa o quadro de déficits linguísticos e cognitivos explicando que ocorre também a dificuldade no estabelecimento e na negociação de significados em interações por causa de questões semânticas e auditivas.

O impacto da DA não pode ser aferido somente em termos de comprometimento neurológico ou linguístico. É inegável que o declínio desencadeado pela patologia não pode ser restrito ao que acontece individualmente no cérebro de alguém que vive com a DA. As consequências da patologia afetam sensivelmente o entorno social, tendo impacto “[...] nas formas de recepção social da doença (algo que inclui as práticas diagnósticas e a interação do doente com seus próximos), bem como de seu enfrentamento no plano psicossocial, médico-terapêutico e familiar” (Morato, 2016, p. 584). Considerando que usar a linguagem requer o engajamento em uma ação conjunta, que exige a coordenação de ações individuais (Clark, 1996), o contexto da DA se constitui como um domínio empírico interessante para a investigação das práticas linguísticas porque evidenciam as estratégias interacionais que emergem no quadro de dificuldades linguísticas e interacionais que são causados por essa patologia.

A DA não altera apenas estruturas neurológicas e funções mentais variadas, mas, sobretudo, processos sócio-cognitivos intrínsecos às linguagem e à interação, alterando toda a organização simbólica das práticas sociais cotidianas nas quais os indivíduos se envolvem (Mira, 2019). Dentre essas práticas sociais afetadas pela DA, talvez a perda da memória e as mudanças no padrão conversacional cotidiano sejam os primeiros sinais de declínio das funções neurológicas e cognitivas. Não é preciso estender o quadro sintomático da DA para constatar que as relações sociais do indivíduo acometido pela patologia e de pessoas próximas a ele são afetados diretamente. Desinformação, falta de preparo e apoio são alguns fatores que complicam ainda mais esse quadro. Por causa de seu impacto na sociedade, a DA é bastante investigada. Ainda que seja uma patologia bastante heterogênea, que pode se manifestar de diferentes formas em cada pessoa, o que percebemos é um discurso homogeneizador que estigmatiza a pessoa acometida pela DA em uma posição limitada ao seu diagnóstico, ignorando sua história e características próprias (Subramaniapillai; Almey; Rajah; Einstein, 2020; Mira, 2019).

As perdas cognitivas e linguísticas são fatores que dificultam a organização temporal e discursiva do mundo narrado (Mira, 2019; Mira; Dornelles; Rodrigues, 2023). Hydén e Örulv (2008) mostram, em seus trabalhos, que tais condições não impedem a pessoa com DA de participarem de interações face a face e de que eram parte atuante na ação de narrar. Os autores ainda destacam que, ao narrar no contexto de Alzheimer, as pessoas mobilizam sua criatividade a fim de, pela história, coconstruir sua identidade com o interlocutor. O papel colaborativo do ouvinte da narrativa é importante porque o avanço do declínio cognitivo compromete o conhecimento compartilhado entre narrador e ouvinte, elemento que é essencial para o desenvolvimento da interação. Nesse cenário, o andaimento² assume uma função primordial por propiciar o processo de construção de sentidos (Hydén, 2017; Mira, 2019), pois possibilita a sequencialidade da interação, frente às dificuldades linguísticas que a patologia impõe e que progressivamente se sobrepõem nas interações culminando com que a pessoa com DA deixe de efetivamente participar.

¹ Basicamente, parafasia consiste na substituição de uma palavra-alvo (aquele pretendida pelo indivíduo) por uma outra com sons ou sentidos semelhantes.

² Andaimento, termo mais comumente utilizado em um quadro relacionado à aprendizagem, no presente contexto consiste na atitude do interlocutor sem a patologia que oferecerá o apoio interacional necessário a fim de facilitar a interação, estabelecendo significados conjuntos. Baseado na teoria sociointeracional de Vygotsky, Hydén (2017) utiliza o termo “andaimento” (*scaffolding*) para explicar o papel interacional do interlocutor frente a uma pessoa acometida por este tipo de patologia.

O desenvolvimento de pesquisas que valorizem a subjetividade e a produção interacional e linguística podem contribuir para o surgimento de trabalhos de natureza mais qualitativa ao invés dos métodos quantitativos normalmente utilizados nessa área (Sabat, 2019). Nesse sentido, uma possibilidade de pesquisa é a análise das narrativas orais que, ao permitir a escuta das pessoas acometidas pela DA, viabiliza a compreensão das histórias de quem é acometido pela patologia e os valores/discursos que circulam na nossa sociedade e são presentes na produção linguístico-interacional dessas pessoas.

O presente trabalho objetiva analisar o posicionamento discursivo em uma narrativa de uma mulher diagnosticada com a Doença de Alzheimer (doravante DA) a partir da perspectiva socioconstrucionista da linguagem, considerada uma prática social constitutiva da realidade em que compreendemos os significados do mundo social não são constituídos *a priori*. Pelo contrário, o mundo social é construído na medida em que as pessoas escrevem, discutem e contestam nas práticas interacionais e discursivas o mundo social, sendo esse processo imbrincado, sobretudo, no âmbito linguístico-semântico do processo de construção identitária (Fabrício, 2006; Bastos; Biar, 2015). A abordagem socioconstrucionista pode ser compreendida a partir da concepção de que a linguagem é uma prática social, que tem por base a interação, o diálogo e o discurso como espaços de construção identitária (Moita Lopes; Fabrício, 2020; Moita Lopes, 2009; Mira, 2019).

Assumimos que ao narrar, as pessoas desempenham diferentes atividades para além de relatar eventos ocorridos, que recriam valores e crenças, organizam suas experiências, negociam identidades, posicionam-se avaliativamente e tomam parte de grupos e valores sociais e de embates discursivos (Biar; Orton; Bastos, 2021; Mira; Custodio, 2021). As narrativas orais constituem um *locus* privilegiado tanto para a investigação da interação e de sua natureza linguístico-discursiva quanto para a observação do mundo social que se constrói no ato cotidiano de contar histórias.

2 NARRATIVA E POSICIONAMENTO DISCURSIVO

O ato de contar histórias é, certamente, uma das práticas discursivas em que nos engajamos com maior frequência em nosso cotidiano. É algo recorrente em nossas vidas, pois ao contarmos histórias não só relatamos os eventos ocorridos no passado, mas, sobretudo, construímos situações, cenários, personagens que projetam discursos sociais e identidades na interação. Narrar não consiste somente na recapitulação de eventos passados da experiência pessoal conforme é preconizado no modelo de Labov e Waletzky (1967). O desenvolvimento do interesse pelas narrativas possibilitou o entendimento dessa realização discursiva a partir dos processos de construção de sentidos que ocorrem no contexto da interação face a face. Segundo Johnstone (2001), falar sobre o passado ou o presente é aparentemente algo que todos os humanos fazem, um "impulso autobiográfico", o desejo de tornar a vida coerente ao contar sobre si mesmo e deve ser universal; a narrativa pessoal é a forma como fazemos sentido de nós mesmos como indivíduos e como membros de uma sociedade.

No campo de estudos da linguagem, analisar as narrativas significa investigar os recursos linguísticos e interacionais utilizados tanto na elaboração do enredo da história quanto no desempenho de papéis dos personagens/agentes que são construídos por quem narra e por quem ouve as histórias (De Fina; Georgakopoulou, 2012). A mudança da concepção de narrativa promoveu a compreensão de que o ato de contar histórias é uma prática social situada histórica e culturalmente, resultante de um processo de construção da relação do narrador com os outros e com o mundo em que ele vive (Oliveira; Bastos, 2014). Portanto, o ato de narrar ultrapassa o formato determinado por arranjos sintáticos do enunciado e do relato de eventos passados (Labov; Waletzky, 1967) e constitui uma forma de usar a linguagem ou outro sistema simbólico para costurar eventos da vida em uma ordem lógica e temporal, para desmistificá-los e estabelecer coerência, por meio da experiência passada, presente ou ainda não realizada (Ochs; Capps, 2001; Cruz; Bastos, 2015; Mira; Dornelles; Rodrigues, 2023).

O avanço no campo das narrativas orais permitiu questionar esse modelo em dois pontos principais. Primeiramente, como explicam De Fina e Georgakopoulou (2012), o conceito de narrativa laboviana é definido como o reporte de eventos que ocorreram no passado, com ênfase nos arranjos sintáticos que os enunciados de cada elemento do modelo. O quadro abaixo sintetiza o modelo canônico dos sociolinguistas.

Resumo	Consiste em uma breve ideia que introduz o que será tratado na narrativa.
Orientação	Apresenta os elementos que irão identificar e contextualizar as sequências da história (personagens, lugar, tempo, atividades).
Orações de complicação	Explica o que aconteceu na narrativa.
Avaliação externa ou interna	Evidencia a explanação do interlocutor ou do narrador sobre o que aconteceu na história.
Resolução	Traz a revelação do desfecho da narrativa.
Coda	Aborda a reinserção da história na interação.

Figura 1: Modelo laboviano

Fonte: Mira, Dornelles e Rodrigues (2023) adaptado de Labov e Waletsky (1967)

O modelo de Labov e Waletsky (1967) foi questionado pelo fato de existem outras formas de contar histórias, que não são necessariamente apenas o relato de fatos ocorridos arranjados em cláusulas sintáticas. O cerne da definição da narrativa laboviana não considera ou consegue explicar outras formas de contar histórias como, por exemplo, aquelas com finais abertos ou estruturas não lineares. A narrativa não se define como um formato determinado por arranjos sintáticos do enunciado e do relato de eventos passados (Labov; Waletsky, 1967) e constitui uma forma de usar a linguagem ou outro sistema simbólico para costurar eventos da vida em uma ordem lógica e temporal, para desmistificá-los e estabelecer coerência, por meio da experiência passada, presente ou ainda não realizada (Ochs; Capps, 2001; Cruz; Bastos, 2015). Outro aspecto questionado é o fato de o modelo ser essencialmente monológico, pois ignora a participação dos outros integrantes da interação na construção da narrativa (Flannery, 2015). Dessa forma, desconsidera o fato de que, ao narrar, o narrador reconhece e reage ao seu interlocutor, que também pode intervir na história, inclusive acrescentando elementos ao que é narrado.

Narrar também constitui um ato performativo, sendo um espaço de performances discursivas e identitárias. Bauman (1986) define a performance narrativa como um espaço situado em que os falantes agem em um espaço interacional e contextualmente delimitados. As práticas comunicativas que se desenvolvem nesses cenários posicionam discursiva e interacionalmente os narradores e a audiência (Bamberg, 2002; Melo; Moita Lopes, 2015). Narradores e ouvintes estão construindo a vida e “[...] performando suas identidades de modos específicos, que são definidos pelo que os participantes decidem focalizar, pelos posicionamentos que escolhem ocupar e pelo modo como os interlocutores se relacionam com eles na performance” (Moita Lopes, 2009, p. 135).

Considerando a performance e o significado do fenômeno narrativo em nosso cotidiano, compreendemos que o ato de contar histórias é uma atividade essencialmente interativa. Ao contarmos uma história, não apenas nos comunicamos, mas, sobretudo, agimos no mundo em interação com os sujeitos com os quais estabelecemos relações. A respeito dessa ação conjunta, Clark (1996, p. 346) afirma que um exame mais atento da narrativa revela que “[...] essas histórias são parte integrante da conversa, com a audiência participando tanto quanto narradores”. Partindo desse pressuposto, as narrativas produzidas no contexto de uma síndrome neurodegenerativa como a Doença de Alzheimer possibilitam investigar as estratégias linguístico interacionais que emergem no quadro de dificuldades linguísticas, cognitivas e interacionais que são causados por essa patologia.

Ao enfatizarmos o processo de construção das histórias entre narradores e interlocutores, a interação ocupa o lugar primordial para a análise da narrativa. O modelo proposto por Ochs e Capps (2001) estabelece que as narrativas são constituídas por dimensões flexíveis, que se alternam entre narrador e interlocutor no ato de contar história. Os elementos que compõem as dimensões são: narração, historiabilidade, encaixe e linearidade. A figura a seguir ilustra o modelo.

Dimensões		Possibilidades
Narração	Um narrador ativo	→ Múltiplos co-narradores ativos
Historiabilidade	Alta	→ Baixa
Encaixe	Isolada	→ Encaixada
Linearidade	Ordem causal e temporal finalizada	→ Ordem causal e temporal aberta
Postura moral	Determinada, constante	→ Indeterminada, fluida

Figura 2: Dimensões da narrativa

Fonte: adaptado de Ochs e Capps (2001)

O primeiro elemento refere-se a quantas pessoas estão envolvidas na narração, podendo variar entre um narrador ativo ou múltiplos connarradores. O segundo abrange a relevância do evento a ponto de ele ser narrado, podendo variar ao longo da própria história com pontos mais interessantes ou não. O terceiro corresponde ao encaixe do evento narrado em relação à interação no qual emergiu, podendo variar entre isolado ou encaixado.

O quarto constitui um aspecto essencial na narrativa. Inicialmente, nos estudos da área, somente era considerado se a história cumprisse uma sequência temporal bem delimitada por começo, meio e fim. Entretanto, no modelo de Ochs e Capps (2001), a linearidade abrange histórias bem demarcadas temporalmente até aquelas fragmentadas na interação e/ou com final mais aberto. O quinto elemento refere-se à postura moral que emerge nos discursos trazidos na narrativa, podendo variar desde uma postura bem-marcada até uma mais fluida. Nesse ponto, ressaltamos o fato de poder haver momentos de divergência entre os interlocutores. Assim, a postura moral, conforme explicam autoras, ao longo das narrativas, pode ser construída uma vez que os valores não são fixos e podem ser questionados nas interações.

As dimensões da narrativa, modelo proposto por Ochs e Capps (2001), apresentam uma proposta analítica alinhada à proposta de posicionamento discursivo de Bamberg (1997). O autor propõe que as narrativas sejam analisadas pela ótica do objetivo que o narrador pretende alcançar, permitindo ao analista usar estrategicamente as noções de enredo e de linhas da história para compreender como as pessoas se projetam nas narrativas. Ao narrarem, as pessoas constroem suas identidades por meio do posicionamento discursivo que seria um processo discursivo em que os indivíduos posicionam a si e aos demais envolvidos no ato de narrar (De Fina, 2013). Os níveis de posicionamento propostos por Bamberg (1997) constituem o critério que norteia nossas análises, considerando o processo posicionamento das narrativas a partir de três níveis que podem ser expressos pelas seguintes questões:

- i) Como os personagens são posicionados com relação uns aos outros dentro dos eventos narrados? Nesse nível, o analista busca evidências linguísticas da agentividade dos personagens que podem assumir os papéis de protagonista, antagonista, vítimas ou algozes etc. Segundo Cruz e Bastos (2015), o primeiro nível permite ao analista compreender a localização dos personagens no mundo da história e o tópico da narrativa.
- ii) Como o narrador se posiciona em relação à audiência? O segundo nível visa a compreender qual o motivo da história ser contada em um determinado momento da interação e quais os efeitos que o falante pretendem alcançar lançando mão da narrativa. É nesse jogo de intencionalidade que a audiência adquire o status de participante no evento discursivo em que a narrativa ocorre (Bamberg, 2012; Cruz; Bastos, 2015).
- iii) Como o narrador se posiciona para si mesmo? O terceiro nível tem por objetivo evidenciar os mecanismos linguísticos utilizados pelo narrador para definir sua identidade para si e para a audiência. Ao projetar-se para si mesmo e para a audiência, o narrador cria uma certa ordem moral que é esperada na narrativa, ou seja, quais os valores sociais ou traços de identidade que justificam a existência da história.

No primeiro nível, o enfoque é o universo narrativo. Nele, analisamos quem são os personagens e como eles se relacionam entre si, assumindo papéis como protagonista, antagonista, vítima ou, ainda, tendo atitudes mais passivas ou ativas na história. Segundo Cruz e Bastos (2015), o primeiro nível permite ao analista compreender a localização dos personagens no mundo da história e o tópico da narrativa.

O segundo nível abrange a interação na qual a narrativa emergiu. Mais especificamente, na compreensão do contexto interacional em que a história foi contada. No caso das entrevistas narrativas, aqui é importante, por exemplo, identificar qual foi a pergunta feita para a emergência da narrativa (Bamberg, 1997, 2012; Bamberg; Georgakopoulou, 2008). É nesse jogo de intencionalidade que a audiência adquire o status de participante no evento discursivo em que a narrativa ocorre (Bamberg, 2012; Cruz; Bastos, 2015).

Por fim, o terceiro nível tem por objetivo evidenciar os mecanismos linguísticos utilizados pelo narrador para definir sua identidade para si e para a audiência. Ao projetar-se para si mesmo e para a audiência, o narrador cria uma certa ordem moral que é esperada na narrativa, ou seja, quais os valores sociais ou traços de identidade que justificam a existência da história. Como explica De Fina (2013), por englobar aspectos que são externos à interação e à narrativa, é considerado o nível mais complexo para o empreendimento analítico. A autora ressalta a importância que possui o fazer uma ponte entre os estudos interacionais e identitários uma vez que, quando compreendemos quais os Discursos (Gee, 2005) que constroem as narrativas individuais, podemos perceber que as identidades são mutáveis e, em muito, dependentes de aspectos externos aos indivíduos que as constroem interacionalmente. Bamberg e Georgakopoulou (2008) propõe que esses Discursos (Gee, 2005) sejam identificados por meio de pistas indexicais e que seja analisado como o narrador se posiciona em relação a esses Discursos, por exemplo aderindo ou refutando-os. Nessa perspectiva, há uma relação estreita entre a narrativa e o processo de construção identitária. A narrativa, como uma atividade discursiva que faz relações em relação a pergunta quem sou eu, exige a ordenação dos personagens no tempo e no espaço (Bamberg, 2011).

3 METODOLOGIA

O presente artigo constitui-se como uma pesquisa de base qualitativa-interpretativista, a partir do método indutivo, ou seja, tendo seus procedimentos analíticos direcionados a partir da geração de dados em entrevistas. No campo da análise da narrativa, a entrevista é compreendida como “[...] um acontecimento comunicativo no qual os interlocutores, incluído o pesquisador, constroem coletivamente uma versão do mundo” (Mondada, 1997, p. 59).

Na entrevista, os significados das perguntas e respostas são coconstruídos na atividade interacional pelo fato de que questionar e responder são formas de falar que se fundamentam e dependem de suposições culturalmente compartilhadas e muitas vezes tácitas sobre como expressar e entender crenças, experiências, sentimentos e intenções (Mishler, 1986). A geração de dados na pesquisa com narrativa são seguem o formato de entrevistas não estruturadas, sem roteiro ou sequências de perguntas definidas. O interesse do pesquisador pela fala dos participantes é fundamental para que a entrevista seja um discurso coconstruído, em que emergem significados que são moldados pelos turnos de fala do entrevistado e do participante (Bastos; Santos, 2013; Mishler, 1986).

Tal método, também denominado entrevista aberta, tem como objetivo conhecer a realidade do entrevistado segundo sua perspectiva, a fim de analisá-la. A preocupação não está em traçar perguntas específicas ou em gerar respostas que vêm ao encontro das hipóteses do pesquisador, mas ampliar a visão sobre as experiências das pessoas e significados construídos a partir delas. Contar histórias além de ser uma atividade humana universal (Riessman, 1993) ainda pode ser considerada a principal forma pela qual nossas experiências se tornam significativas (Polkinghorne, 1988). A partir dessa premissa, cada vez mais os pesquisadores das ciências sociais têm visto na pesquisa narrativa uma forma legítima de investigação.

De acordo com Barkhuizen, Benson e Chik (2014), a força desse tipo de pesquisa está no entendimento das formas como as pessoas utilizam as histórias para dar sentidos às suas próprias experiências em áreas de investigação nas quais compreender os fenômenos pela perspectiva de quem as experientia, é imprescindível. A escolha do modelo de dimensões das narrativas de Ochs e Capps (2001) e dos níveis de posicionamento, de Bamberg (1997), é justificada pela proposta dimensional que considera as narrativas como um processo de engajamento no mundo social por meio a partir de uso de recursos interativo/discursivos (Hydén, 2014) que constroem a cena interacional, tais como os papéis de personagem/agentes que são construídos durante o desenvolvimento do enredo da história (De Fina; Georgakopoulou, 2012).

O sistema de notação utilizado na transcrição dos dados tem como base as notações já utilizadas nos estudos do projeto NURC³ (Norma Urbana Culta) por Marcuschi (1998) e adaptado por Mira e Custodio (2019).

3.1 CONTEXTO DE PESQUISA E PARTICIPANTE

Os dados utilizados no presente artigo são provenientes de um projeto de pesquisa coordenado pelo primeiro autor e foram gerados por uma das pesquisadoras da equipe, identificada pelo nome fictício de Marina, em uma casa de repouso situada na região metropolitana de Porto Alegre – Rio Grande do Sul. Após o contato inicial, a pesquisadora foi ao local para conhecer o ambiente e verificar a possibilidade de realização da geração de dados no contexto de uma casa de assistência a idosos. Os idosos residem permanentemente na casa e são assistidos por uma equipe de cuidadores, enfermeiros e médicos. O local é mantido por mensalidades de familiares que procuram a instituição para o cuidado de idosos que apresentam diferentes níveis de dependência para executar as atividades do cotidiano.

Após o acolhimento da instituição, analisamos os perfis de idosos para identificarmos uma participante que se pudesse participar da pesquisa. Vera⁴ (nome fictício escolhido pela participante) demonstrou interesse em colaborar com a pesquisa. Logo no primeiro contato, pediu para que a pesquisadora se sentasse junto a ela para conversarem. A participante foi diagnosticada há mais de dois anos e apresentava sintomas da fase moderada da Doença de Alzheimer. Vera tem 79 anos e quando foi morar na casa de assistência já tinha recebido o diagnóstico. Tem três filhas, sendo que uma delas a visita com maior frequência. É bastante comunicativa, demonstrando gostar muito dos encontros com a pesquisadora. Ela tem muita dificuldade de concentração, mudando várias vezes o tópico da interação e pedindo repetições do que foi dito. É importante destacar também que a participante tem um neto que acredita ser seu filho, o que gera desentendimentos com sua própria filha, pois considera que ela é sua irmã.

A interação analisada ocorreu na primeira semana de visita da pesquisadora. Os cuidadores solicitaram que as entrevistas fossem realizadas no espaço de convivência dos idosos, por conta do frio intenso que fazia no dia. Em função disso, não geramos dados de vídeo, apenas de áudio, para preservar a imagem dos outros idosos da casa que não estavam envolvidos na pesquisa.

A geração de dados ocorreu por um período de cerca de três meses, em visitas semanais da pesquisadora à casa de assistência ao idoso. O tempo total de gravação em áudio e vídeo que compõe o *corpus* de pesquisa é de cerca de 12 horas. O critério de escolha dos dados, para esta análise foi a recorrência de narrativas autobiográficas durante os encontros. Priorizamos esse tipo de realização discursiva pois é uma das ações mais frequentes desempenhadas pelos participantes em interações com o interlocutor. Há também a recorrência de narrativas autobiográficas que são desencadeadas por tópicos introduzidos nas entrevistas abertas pela participante. Para obtermos mais informações sobre a participante, conversamos com a enfermeira responsável pelos idosos, Eva (nome também fictício). A profissional explicou que, quando chegou à casa de repouso, há aproximadamente dois anos, Vera já convivia com o diagnóstico de DA há 5 anos. A produção linguística da participante apresenta pausas extensas durante os turnos, hesitações, dificuldades de acesso lexical, parafasias e ritmo de fala lentificado. Atualmente, aos 80 anos, seus sintomas são perda de memória, lapsos de atenção e confusão mental. Frequentemente, ela confunde membros da família, esquecendo seus nomes. Os familiares foram bem relutantes em aceitar a doença e em encaminhá-la para a instituição. Em função de alguns terem desenvolvido depressão pela sobrecarga emocional do cuidado integral e cotidiano, a família decidiu manter Vera em uma casa de assistência a idosos.

³ O Projeto Norma Urbana Culta (NURC) teve início em 1969 e foi desenvolvido em cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, tendo como objetivo analisar a linguagem oral de falantes de escolaridade de nível superior completo.

⁴ A identidade e o anonimato da participante foram preservados durante toda a geração e transcrição de dados, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado (TCLE), aprovado pelo CAAE sob o protocolo nº: 50341815.3.0000.5344 no Comitê de Ética da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

4 ANÁLISE

Os dados analisados foram gerados em 31 de maio de 2022 e teve uma duração total de 52 minutos. Inicialmente, a conversa teve como tópico principal “família”. A participante descreveu a sua relação com as filhas e o ex-marido. Em diversos momentos ocorrem pausas na interação em que a pesquisadora faz perguntas para que a participante continue a conversa devido aos lapsos de atenção.

Uma dessas perguntas é sobre a rotina da participante na casa de repouso. É a partir desse questionamento que emerge a narrativa analisada. Optamos por este recorte por compreendermos que se trata de um caso em que a narrativa aborda uma postura moral que aponta para discursos recorrentes na sociedade brasileira. Por se tratar de uma narrativa não marcada temporalmente, organizamos nossa análise nos três níveis de posicionamento propostos por Bamberg (1997), ainda que eles apareçam de forma sobreposta ao longo da narrativa.

Excerto 1: "Olha por enquanto tô só comendo"

1090	Marina:	que que tu tem que fazer assim todo dia? tuas
1091		obrigação?
1092	Vera:	o:lha por enquanto tô só comendo
1093	Marina:	só comendo
1094	Vera:	Uhum
1095	Marina:	ô coisa boa ... come:ndo olhando tevê:
1096	Vera:	é:
1097	Marina:	descansan:do
1098	Vera:	Uhum
1099	Marina:	tem que ser né também não dá pra todo dia né
1100		...
1101	Vera:	é

Marina inicia o tópico sobre os afazeres de Vera perguntando quais são suas atividades cotidianas (“tem que fazer assim todo dia”), categorizando-as como “tuas obrigação”, nas linhas 1090 e 1091. Vera responde em tom brincadeira dizendo “o:lha por enquanto tô só comendo”, na linha 1092, que deixa implícito que ela não tem afazeres em sua rotina. Marina, no turno de fala seguinte, repete “só comendo” para demonstrar que entendeu o humor da resposta de Vera na linha 1094.

Na sequência, Marina faz uma avaliação “ô coisa boa ... come:ndo olhando tevê:”. A participante concorda com a fala da pesquisadora no turno de fala seguinte. Marina então conclui dizendo “descansando”, na linha 1097, e sua proposição é novamente aceita por Vera na sequência. Na linha 1099, Marina justifica a importância de se descansar em “tem que ser né também não dá pra todo dia né”. Podemos perceber que, ao usar o marcador discursivo “né” duas vezes no mesmo turno de fala, a pesquisadora busca a confirmação da participante que vem, após uma breve pausa, na linha 1101. Esse diálogo entre a pesquisadora Marina e Vera mostra o contexto interacional em que a narrativa emerge. No excerto 2, o subtópico “trabalho” é abordado por Marina, na continuação das perguntas e respostas sobre as atividades cotidianas de Vera. Durante o desenvolvimento desse tópico, a participante constrói discursivamente seu posicionamento sobre trabalho.

Excerto 2: "Trabalhava de faxina"

1102 Marina: e se a senhora já trabalhou muito né
 1103 Vera: eu já trabalhei demais trabalhava de: faxina
 1104 Marina: e como é que era assim nas casa? te tratavam bem ou
 1105 [não]
 1106 Vera: [sim] tinha uma: algumas tratavam bem
 1107 Marina: aham
 1108 Vera: uma ou outra que tratava mal
 1109 Marina: tratava mal assim ... tipo o que que aconteceu
 1110 assim de ruim
 1111 ...
 1112 Vera: quando eu trabalhava?
 1113 Marina: é
 1114 ...

Na linha 1102, Marina segue justificando por que Vera hoje pode descansar ao dizer “e se a senhora já trabalhou muito né”. Ao usar novamente o marcador discursivo “né” para obter a confirmação da participante, a pesquisadora utiliza o verbo “trabalhou” no passado, iniciando um contraponto entre a Vera do passado e do presente. Nesse momento da interação, a participante conta sua experiência de trabalho como faxineira, na linha 1103. Ela enfatiza o advérbio de intensidade “demais” o que reforça a ideia de justificar o seu descanso atualmente, seguindo o tópico levantado por Marina.

A dimensão do encaixe da narrativa, conforme a proposta de Ochs e Capps (2001), fica evidenciada nesse trecho. A justificativa para o fato de Vera descansar pode ser considerada narrativa curto do tipo encaixada. Esse alto encaixe também contribui para o aumento da historiabilidade porque a justificativa torna o evento relevante de ser narrado no contexto em que emerge.

Ao saber a profissão da participante, a pesquisadora pergunta sobre como era o tratamento recebido por Vera nas casas em que trabalhou de forma a instigar que a história siga sendo contada. Na linha 1106 e 1108, a resposta da participante especifica as experiências sobre o trabalho de faxineira. Na sequência, a pesquisadora solicita que Vera explique o que aconteceu, “tipo o que que aconteceu assim de ruim”, para motivar a narrativa. Há uma pausa seguida de uma pergunta de Vera que serve para confirmar a solicitação de Marina. A sequência, após a confirmação da pesquisadora de que se tratava de uma pergunta sobre o trabalho da participante, é desenvolvida no excerto a seguir.

Excerto 3: "A xícara também tinha que ser marcado"

1115 Vera: a: ... ela:::
 1116 Marina: é dona da casa?
 1117 Vera: é (SI) ... [(SI)]
 1118 Marina: [a dona] da casa não era legal daí
 1119 Vera: não não era o copo que eu tomava água
 1120 Marina: uhum
 1121 Vera: tinha que ser marcado
 1123 Marina: no:ssa
 1124 Vera: [a] xícara (também) tinha que ser marcado
 1125 Marina: não podia ser o mesmo das pessoas da casa?
 1126 Vera: nã:o
 1127 Marina: que abusu:rdo né que horror
 1128 Vera: [mas eu não] dava bola pra eles tu
 1129 sabia?
 1130 Marina: é só ia lá fazia teu serviço
 1131 ...

Na linha 1115, Vera inicia a narrativa sobre o tempo em que trabalhou como faxineira. Os alongamentos de fala em “a:” e em “ela:” e a pequena pausa indicam dificuldade no acesso lexical. No turno de fala seguinte, Marina, em um tom de sugestão marcado pela interrogação, insere o referente “a dona da casa” para dar continuidade à narrativa de Vera. Vera aceita a inserção da interlocutora, porém não é possível compreender seu enunciado. Marina sumariza o que é dito com “a dona da casa não era legal daí”, na linha 1118.

Nesse momento da interação, Vera inicia seu posicionamento, apresentando o universo da narrativa, em que o narrador apresenta os personagens da história e os posiciona dentro desse contexto (Bamberg, 1997). Em resposta ao turno de Marina, na linha 1118 Vera se posiciona, dentro do universo da narrativa, como a protagonista que age passivamente diante dos fatos.

Nos dois turnos de fala seguintes a participante chega ao momento da ação complicadora na narrativa em que conta que o copo em que tomava água precisava ser marcado. Diante disso, Marina, na linha 1123, traz sua avaliação a respeito do que foi contado, dizendo “no:ssa”, o que demonstra seu espanto. A participante segue, na linha 1124 explicando: “a xícara (também) tinha que ser marcado”. A pesquisadora, no turno de fala seguinte, pergunta “não podia ser o mesmo das pessoas da casa?”, o que demonstra que busca compreender a situação contada. A resposta de Vera, na linha 1126, marcada pelo alongamento de fala em “nã:o”, indica a proibição.

Marina, no turno de fala seguinte, mais uma vez, avalia negativamente a situação. Nesse turno de fala também, o marcador discursivo “nê” indica o pedido obter a confirmação de Vera a respeito da avaliação. Na linha 1128 (“[mas eu não dava bola]”) a expectativa da avaliação é quebrada. O verbo “sabia”, ao final desse turno, expressa a confirmação da quebra de expectativa por Vera. Ao final, a participante complementa seu posicionamento como personagem da história, na linha 1129.

No segundo nível de posicionamento, Bamberg (1997) explica que foco da análise esteja nas relações estabelecidas entre os participantes da interação. Há uma relação colaborativa entre a participante e a pesquisadora que, em diversos momentos, dá andamento à fala de Vera. A participante aceita as inserções, o que contribui para a construção da história. Quando a pesquisadora faz essas intervenções na narrativa da participante, fazendo o andamento nos momentos em que Vera tem dificuldade no acesso lexical, podemos perceber a dimensão da narração de Ochs e Capps (2001). A narrativa se enquadra do que as autoras denominam como múltiplos coautores que, conjuntamente, constroem a história.

Porém, na avaliação da narrativa, entre as linhas 1127 e 1129, a atitude colaborativa não ocorre. As interagentes têm reações bem diferentes, o que cria um embate discursivo entre ambas. Marina avalia negativamente a narrativa, ao usar adjetivos como “absurdo” e “horror”. Vera posiciona-se mais passivamente, ao utilizar a metáfora “não dar bola” para a situação.

Nesse ponto da análise, adentramos na dimensão do posicionamento moral (Ochs; Capps, 2001) da participante, que indica o terceiro nível de posicionamento discursivo (Bamberg, 1997). Ao contar que o copo e a xícara que usava nessa casa tinham que ser marcados, a narrativa de Vera aponta para um discurso das dinâmicas do trabalho na esfera doméstica. A participante, ao usar esse evento narrativo como exemplo de uma situação ruim que aconteceu durante seu trabalho como empregada doméstica, demonstra compreender esse tipo de embate, reforçando seu posicionamento na narrativa como passivo diante dos eventos descritos e as situações a que teve que se submeter por necessitar do emprego.

A narrativa não apresenta uma linearidade muito marcada, especialmente por não se tratar de um evento único contado, mas por ser uma situação recorrente durante um período indeterminado pelo qual Vera trabalhou nessa casa. Apesar dessa aparente desestruturação inicial, há traços de elementos mais canônicos na narrativa, como explicamos anteriormente ao destacarmos a presença do ponto de virada nas linhas 1119 e 1121. Dessa forma, Vera conseguiu contornar as dificuldades causadas pela DA e construir sua narrativa que reflete o discurso de segregação social pelo trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os crescentes números de diagnósticos de DA ao redor do mundo e sua cura ainda não identificada, muitos estudos sobre os impactos dessa demência têm sido desenvolvidos em diferentes áreas do conhecimento. Porém, a doença é, muitas vezes, compreendida de maneira homogênea, limitando e estigmatizando as pessoas acometidas ao diagnóstico (Souza; Monteiro; Gonçalves, 2022). Um dos aspectos deixados de lado nesses estudos é o fator gênero, apesar de já ser comprovada uma maior incidência da patologia no sexo feminino (Subramainapillai; Almei; Rajah; Einstein, 2021). Acreditamos que há um *locus* de pesquisa na interseccionalidade entre a condição de pessoa que vive com Doença de Alzheimer e questões relacionada ao gênero social.

O estudo de narrativas de pessoas acometidas pela DA, segundo Karlsson *et al.* (2014), permite que essas singularidades sejam respeitadas e que o enfoque passe das limitações causadas pela demência para as potencialidades que as histórias contadas por essas pessoas sejam valorizadas (Mira; Custodio, 2022). A narrativa contada de Vera pode ser considerada como um evento de reportabilidade estendida (Linde, 1993), ou seja, eventos “[...] como os mais relevantes de sua biografia, a ponto de serem muitas vezes contados e recontados em diferentes situações sociais” (Biar; Orton; Bastos, 2021, p. 239). No caso da presente interação, o evento narrado serve como uma forma Vera interagir com Maria, gerenciando seu posicionamento de um momento de sua vida. Essa narrativa possibilita a emergência de discursos socialmente marcados como as diferenças entre empregadora e empregada doméstica.

Dessa forma, o presente artigo buscou investigar como uma pessoa acometida pela DA constrói sua postura moral em narrativas que emergem interacionalmente. Considerando o contexto e quantidade de dados analisados neste trabalho, é possível perceber que, apesar das dificuldades causadas pela demência, a participante foi capaz de participar da interação, narrar sua história e construir sua identidade, evidenciando sua postura moral em relação aos discursos recorrentes na sociedade sobre diferenças sociais. Acreditamos que a discussão suscitada pela nossa análise possa contribuir para novas investigações na Linguística Aplicada. Especialmente, a entrevista narrativa tem o potencial de ser desenvolvida para abranger as especificidades da produção linguístico-discursiva no contexto da DA por meio dos tópicos que emergem em narrativas biográficas.

REFERÊNCIAS

- ALZHEIMER'S Association Report: 2018. Alzheimer's disease facts and figures. *Alzheimer's & Dementia*, v. 14, p. 367-429, 2018.
- BAKHUIZAN, G.; BENSON, P; CHIK, A. *Narrative Inquiry in Language Teaching and Learning Research*. New York: Routledge, 2014.
- BAMBERG, M. Why narrative? *Narrative Inquiry*, v. 22, n. 1, p. 202–210, 2012.
- BAMBERG, M. Who am I? Narration and its contribution to self and identity. *Theory & Psychology*, v. 21, n. 1, p. 3–24, 2011.
- BAMBERG, M. Construindo a masculinidade na adolescência: Posicionamentos e o processo da construção da identidade aos 15 anos. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (org.). *Identidades: recortes inter e multidisciplinares*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- BAMBERG, M. Positioning between structure and performance. *Journal of Narrative and Life History*, v. 7, n. 1–4, p. 335–342, 1997.
- BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. *Text and Talk*, v. 28, n. 2, p. 377-396, 2008.
- BARROS, A. C.; LUCATELLI, J. F.; MALUF, S. W.; ANDRADE, F. M. Influência genética sobre a doença de Alzheimer de início tardio. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 16-24, 2009.

- BASTOS, L.; BIAR, L. Análise narrativa e práticas de entendimento da vida social. *Delta*, São Paulo, v. 31, p. 97-126, 2015.
- BASTOS, L.; SANTOS, W. S. *A entrevista na pesquisa qualitativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2013.
- BAKHUIZAN, G.; BENSON, P; CHIK, A. *Narrative Inquiry in Language Teaching and Learning Research*. New York: Routledge, 2014.
- BAUMAN, R. *Story, performance and event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- BIAR, L.; ORTON, N.; BASTOS, L. A pesquisa brasileira em análise de narrativa em tempos de “pós-verdade”. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 21, n. 2, p. 231-251, 2021.
- CLARK, H. C. *Using Language*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- CRUZ, C. A. G.; BASTOS, L. C. Histórias de uma obesa: a teoria dos posicionamentos e a (re)construção discursiva das identidades. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 15, n. 3. p. 367-384, set./dez 2015.
- DE FINA, A. Positioning level 3: Connecting local identity displays to macro social processes. *Narrative Inquiry*, v. 23, n. 1, p. 40–61, 2013.
- DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. *Analyzing Narrative: Discourse and Sociolinguistic Perspectives*. New York, Cambridge University Press, 2012.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: Redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*, São Paulo: Parábola Editora, 2006. p. 45-65.
- FLANNERY, M. *Uma introdução à análise linguística da narrativa oral: abordagens e modelos*. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- GEE, J. P. *An introduction to Discourse Analysis: theory and method*. London/New York: Routledge, 2005.
- HYDÉN, L. C. Storytelling in dementia: collaboration and common ground. In: HYDÉN, L. C.; ANTELIUS, E. *Living with dementia*. Palgrave: London, 2017. p. 116-134.
- HYDÉN, L. C.; ÖRULV, L. Narrative and identity in Alzheimer's disease: A case study. *Journal of Aging Studies*, v. 23, p. 205-214, 2008.
- HYDÉN, L. How to do things with others: joint activities involving persons with Alzheimer's Disease. In: HYDÉN, L.; LINDEMANN, H.; BROCHMEIER, J. *Beyond loss: dementia, identity, personhood*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- HUFF, F. et al. Semantic impairment and anomia in Alzheimer's disease. *Brain and Language*, v. 28, n. 2, p. 235-249, 1988.
- JOHNSTONE, B. Discourse analysis and narrative. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HEIDI, E. H. (ed.). *The handbook of discourse analysis*. Malden, Mass.: Blackwell, 2001. p. 635-649.
- KARLSSON, E.; SÄVENSTEDT, S.; AXELSSON, K.; ZIGMARK, K. Stories about life narrated by people with Alzheimer's disease. *Journal of Advanced Nursing*, v. 70, n. 12, p. 2791–2799, 2014.
- LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (ed.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of the Washington Press, 1967.

LINDE, C. *Life Stories: the creation of coherence*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1998.

MC DADE, E.; BATEMAN, R. Stop Alzheimer's Before it Starts. *Nature*, n. 547, p. 153-155, 2017.

MELO, G. C. V.; MOITA LOPES, L. P. "Você é uma morena muito bonita": a trajetória textual de um elogio que fere. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 54, n. 1, p. 53-78, 2015.

MIRA, C. Como é que a gente diz? Uma análise das estratégias textual-interativas na narrativa de uma pessoa com doença de Alzheimer. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 19, n. 3, p. 419-433, 2019.

MIRA C. ; CUSTODIO, K. A narrativa como construção identitária de uma pessoa com a Doença de Alzheimer. *Trab. Ling. Aplic.*, v. 61, n. 3, 2022.

MIRA C. ; CUSTODIO, K. "Isso tudo me traz de novo a vida que eu tinha": a coconstrução de uma narrativa autobiográfica na Doença de Alzheimer. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 1979-2009, 2021.

MIRA, C.; CUSTODIO, K. A. Contribuições da noção de referência para análise da narrativa oral no contexto da atrofia cortical posterior. *Investigações*, v. 32, p. 01-23, 2019.

MIRA C. ; CUSTODIO, K. O que traz o senhor aqui?: uma análise semiolinguística do discurso sobre a Doença de Alzheimer. *Fórum Linguístico*, v. 15, p. 3136-3152, 2018.

MIRA, C.; DORNELLES, A. I.; RODRIGUES, B. "Ela queria ser dona dele": a construção do sentido por meio de frames em narrativas orais de pessoas com a Doença de Alzheimer. *Calidoscópio*, v. 21, n. 2, p. 378-396, maio-ago. 2023.

MISHLER, E. *Research interviewing: context and narrative*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

MOITA LOPES, L. P. A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. *Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística*, n. 27, v. 2, p. 128-15, 2009.

MOITA LOPES, L. P.; FABRÍCIO, B. F. Por uma ideologia linguística responsiva às teorizações queer. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 21, n. 2., 2020.

MONDADA, L. A entrevista como acontecimento interacional: abordagem linguística e interacional. *RUA*, Campinas, v. 3, n. 1, p. 59-86, 1997.

MORATO, E. M. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Caderno de Letras da UFF*, v. 41, p. 93-113, 2012.

MORATO, E. M. Das relações entre linguagem, cognição e interação - algumas implicações para o campo da saúde. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 575-590, 2016.

OCHS, E.; CAPPS, L. *Living Narrative: creating lives in everyday storytelling*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

OLIVEIRA, L. M.; BASTOS, L. C. Narrando em Colaboração: as construções discursivas de uma pessoa com afasia. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 14, n. 2, p. 247-267, 2014.

SABAT, S. Dementia Beyond Pathology: What People Diagnosed Can Teach Us About Our Shared Humanity. *Bioethical Inquiry*, v. 16, p. 163–172, 2019.

SANTOS, C. S. *et al.* Factors associated with dementia in elderly. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n.2, p. 603-611, 2020.

SOUZA, É. R.; MONTEIRO, M.; GONÇALVES, F. R. Doença de Alzheimer: reflexões sobre o lugar da diferença na produção neurocientífica. *Saúde Soc.*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 1-10, 2022.

SUBRAMANIAPILLAI, S.; ALMEY, A.; RAJAH, N.; EINSTEIN, G.. Sex and gender differences in cognitive and brain reserve: Implications for Alzheimer's disease in women. *Frontiers in Neuroendocrinology*, v. 60, p. 1-16, Nov. 2020.

TEIXEIRA, J. B. *et al.* Doença de Alzheimer: estudo da mortalidade no Brasil 2000-2009. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 1-12, 2015.

POLKINGHORNE, D. E. *Narrative Knowing and the Human Sciences*. Albany, NY: State University of New York Press, 1988.

RIESSMAN, C. K. *Narrative Analysis*. Newbury Park, CA: Sage, 1993.

Convenções de transcrição

SINAIS	OCORRÊNCIAS
(SI)	Incompreensão de palavras ou segmentos
Maiúscula	Entonação enfática
:	Prolongamento de vogal e consoante (podendo aumentar de acordo com a duração)
-	Silabação
?	Interrogação
...	Qualquer pausa
@@@	Risos
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))
[apontando o local onde ocorre a sobreposição	Sobreposição
“ “	Leitura de texto

Fonte: Marcuschi (1998); Mira e Custodio (2022)



Recebido em 15/02/2023. Aceito em 19/04/2024.